

NIC X

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Director Presidente*BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Director*I. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Director Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Director*FERNANDO PEDREIRA — *Redactor Chefe*MARCOS SÁ CORREA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente***Idéias Novas**

Aue pag 10

Poucas coisas poderiam ser tão avissareiras para o futuro imediato (e remoto) da democracia brasileira quanto a aparição de um sindicalismo moderno, livre dos chavões ideológicos e da estreiteza de vistas. Que este sindicalismo já existe, ou está em processo de crescimento, é o que se deduz de entrevistas publicadas em *Veja* e em *O Estado de São Paulo* com o novo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antonio Medeiros.

Há tanto bom senso e conhecimento de causa nessas duas entrevistas, que elas deveriam ser remetidas, em separatas, a cada um dos constituintes de Brasília. Em relação a propostas como a estabilidade no emprego e a semana de trabalho de 40 horas, acha Luiz Antonio Medeiros que "no papel cabe tudo"; mas este é o caminho para se fazer uma Constituição que não será cumprida.

Constituições, com efeito, não foram feitas para reinventar a realidade; e sim, como ele mesmo observa, para estabelecer uma regra do jogo onde todos possam se entender sem perder a dignidade. "Negociamos (os metalúrgicos) um acordo muito bom, que prevê 44 horas de trabalho semanais. Mais que isso, a indústria simplesmente não vai cumprir; ou iremos para uma crise, e teremos de trabalhar 50 horas."

Ainda dentro do mais elementar bom senso, Antonio Medeiros não acredita em generalizações: acha que uma empresa com menos de 50 empregados não pode receber o mesmo tratamento que uma outra com mais de 300. Acha que exigir o impossível é não conseguir nada; que a eficiência de um sindicato não se mede pelo número de greves que faz; que o Governo atrapalha o relacionamento entre o operário e o patrão, "porque ele (o Governo) é um grande e péssimo patrão nas suas estatais".

São reflexões de quem já não vive num capitalismo primitivo, e tem interesse na manutenção e no desenvolvimento de um capitalismo moderno. "A empresa pública não evolui" — prossegue o líder de São Bernardo. "O Governo é deficitário, preguiçoso,

e depende da classe política. É a empresa privada que cria a maior parte dos novos empregos, e não o setor público. É a empresa privada que pode pagar mais quando está em crescimento."

Seria interessante saber o que pensa disso uma certa esquerda calcificada que raciocina por automatismos ideológicos. Para o presidente dos Metalúrgicos, "a esquerda vive num mundo que não é o do trabalho — um mundo artificial". Trata-se de empedernido reacionário? Não; de alguém que viveu em outros países que não o Brasil, e tem um repertório de idéias um pouco mais amplo que o receituário caboclo.

Acha Medeiros que "os constituintes fariam muito mais pelo trabalhador se, em vez de propor a estabilidade só no papel, usassem seu tempo na televisão para discutir seriamente como se garante o emprego em países como os Estados Unidos, a Alemanha Ocidental e a União Soviética".

O curioso é que um líder sindical esteja mais adiantado do que muitos políticos na tarefa de atualização com as realidades de hoje. Aqui no Brasil, ainda somos grossamente estatistas; ainda há quem ache que a proteção ao trabalhador será conseguida com um punhado de leis demagógicas e abstratas.

No resto do mundo, não é assim. Até mesmo na África, que conheceu o seu grande surto de independência há um quarto de século, descobriu-se — à custa de muito sofrimento — que o estatismo e a estatização só servem para criar despesas cada vez maiores, e para sugar as energias de um país. No mundo inteiro, discute-se como fazer para retirar o peso do Estado de cima do sistema produtivo. Com a sua experiência concreta de operário, o Sr. Luiz Antonio Medeiros sintonizou com essa realidade. Os politizadíssimos operários italianos também sabem que o crescimento das empresas é bom para o trabalhador. Só aqui no Brasil ainda há quem ache que o Estado é quem ensinará o empresário a tratar bem dos seus operários.